

Homenagem da Associação dos Historiadores Africanos (AHA) ao Professor Joseph Ki-Zerbo (1922-2006)

um homem de consciência, de ciência e de dever

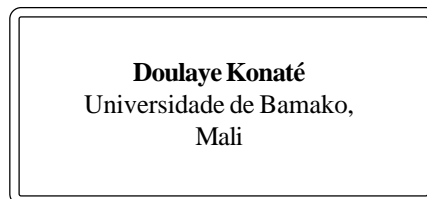
*N'an laara, an saara**
(Se nos deitamos, estamos mortos).

O dia 04 de Dezembro de 2006 fica já uma data memorável, uma data terrível para a comunidade dos historiadores de África e certamente para toda a África e para além dela.

Os historiadores no entanto reconhecidos pela sua lucidez, ou mesmo a “sua frieza” na análise das situações não quiseram, ou preferiram evitar olhar de frente aquilo que as leis da natureza tornam inelutável, quer dizer, o desaparecimento do ser físico do nosso papá. É que os historiadores, longe de serem “monstros frios”, são simplesmente desses humanos para quem a perda de um ser querido não será nunca uma coisa “natural”. O nome do Professor Joseph Ki-Zerbo evoca para todos os historiadores a figura do mestre, o que tranquilizava e em quem “se encostava” num mundo cada vez mais complexo e indecifrável. Compreende-se portanto a amplitude da onda de choque que provocou na comunidade dos historiadores em todo o mundo, o anúncio do falecimento do Papá Ki-Zerbo. Perante as numerosas reacções suscitadas por este anúncio, os historiadores terão definitivamente compreendido a imensidade do homem que escapa a qualquer tentativa de apropriação de tipo categorial (mesmo profissional) para se inserir na universalidade, que ele próprio definia como devendo ser o topo da pirâmide que constituiria a quintessência de todas as culturas.

Nunca se deixará de comentar e de meditar sobre as diferentes facetas da vida e da obra do Professor Joseph Ki-Zerbo, nem de apreciar a sua imensa contribuição para o pensamento universal moderno e contemporâneo. Isso apenas começou!

Gostaria, ao longo destas linhas, de renovar a homenagem da Associação dos Historiadores Africanos e de modo mais largo, a da comunidade dos historiadores de todo o mundo à memória do decano.



Doulaye Konaté
Universidade de Bamako,
Mali

As muitas mensagens que nos chegaram à sede da AHA em Bamako, na sequência do anúncio do falecimento do Professor Joseph Ki-Zerbo dão uma ideia das múltiplas dimensões do homem e da sua imensa obra. Seria vão e pretensioso querer delimitar nestas linhas todas as dimensões, de tal modo a vida e o itinerário do homem foram de uma riqueza excepcional.

Tentaremos simplesmente lembrar aqui algumas das qualidades marcantes do homem e algumas das suas grandes contribuições no seu engajamento constante a favor de África e, mais ainda, da dignidade humana.

É preciso evocar em primeiro lugar justamente o homem Ki-Zerbo tal como ele se apresentava e tal como nós todos o apreciámos. Os historiadores de todas as gerações (dos quais muitos devem a sua vocação de historiador à leitura das obras do Professor Ki-Zerbo) que o conheceram e os que tiveram o privilégio de conviver com ele, são unânimes em reconhecer o humanismo que caracterizava o seu ser e as suas relações com os outros.

O Mestre benevolente e sábio

A primeira imagem e certamente a mais marcante que nós todos guardamos do Professor Joseph Ki-Zerbo é a do papá e do sábio africano que associa entre outras qualidades, a serenidade diante das provações, a experiência, a integridade moral e cuja benevolência que tranquiliza os seus, mas também todos os que o abordam sem preconceito. São testemunho disso as muitas mensagens de historiadores e de outros ainda que utilizam metáforas que exprimem esse respeito, e o

reconhecimento da autoridade moral e científica do mestre por todos.

Esta imagem do sábio e do pai benevolente cuja generosidade na partilha do saber encontrou a sua expressão na parábola do “embondeiro africano”, o que dava a todos a sua sombra tutelar. A expressão utilizada pelos nossos colegas malgaxes é “Ray Amandreny” que dá bem essa ideia da tutela parental, e da autoridade moral do primogénito com toda a consideração com ela relacionada.

Diferentemente da palmeira, essa outra grande árvore do Sahel e em relação à qual há um provérbio que diz que “a sua sombra não beneficia os seus [entenda-se os que se encontram à sua proximidade], o grande embondeiro que era o Professor Joseph Ki-Zerbo fazia-se um sacerdote da partilha do seu imenso saber com os seus, os africanos, e nomeadamente os mais jovens. O Professor Joseph Ki-Zerbo dedicou muito do seu tempo e da sua energia à formação intelectual e moral de gerações sucessivas de quadros africanos através dos seus ensinamentos e das suas numerosas conferências em toda a África e no resto do mundo.

O Pai da historiografia moderna africana

Embora o Professor Joseph Ki-Zerbo gostasse por humildade e por convicção inserir todas as suas acções, nomeadamente os seus sucessos no registo da colegialidade, não deixa de ser verdade que ele constitui com o Professor Cheikh Anta Diop as duas figuras emblemáticas, os “porta-bandeira” do combate pela descolonização da história africana nos anos 1956.

A África nas margens da história

Desde a exclusão da África do campo histórico que a filosofia de Hegel tinha consagrado declarando o continente de

“ahistórico”, o passado da África não devia ser um objecto de estudo, a própria humanidade dos seus habitantes era contestada: a colonização influenciada por esta concepção marcou uma etapa importante na gestão da relação dos africanos com o seu passado.

A História, disciplina considerada dar conta dos factos do passado e da sua inteligibilidade apresentou-se então como uma operação que somente podia apoiar-se em documentos escritos. A África considerada como o domínio por excelência da oralidade não podia ser tema de História. As tradições orais e todas as outras práticas que mantêm a ligação com o passado só podiam assim estar dependente da **memória** entendida como emoção, repetição da tradição, recondução de um “presente eterno”. A distinção maniqueísta assim estabelecida entre **História** e **Memória** vai marcar de forma duradoura as abordagens do passado africano. Com efeito, durante muito tempo esse passado africano não era evocado a não ser como um apêndice da História da Europa através, nomeadamente, da História do tráfico atlântico e a da expansão colonial. Tudo o que se produziu antes dos primeiros contactos com a Europa era do domínio das trevas, o que alguns chamaram os “séculos obscuros” da África.

O conhecimento no entanto antigo dos textos árabes relativamente à África subsahariana, tais como as narrativas de viagem de Ibn Batuta, a descoberta de diferentes documentos escritos em África, tais como as crónicas de Tumbuctu, não mudou em nada esta atitude. Os historiadores “positivistas” do período colonial que se interessaram por esta história atribuíram origens estrangeiras (hamitas, caucasoides, líbios, romanos, fenicianos) à maioria das brilhantes realizações políticas (fundação de impérios...) e culturais (locais antigos, objectos artísticos)¹ que eles descobriam no continente e cujas tradições orais locais, no entanto, mencionavam largamente.

Esta situação que frustrava as elites africanas ocidentalizadas e que ignorava a demanda de História dos povos africanos, tinha suscitado reacções por parte de alguns amadores esclarecidos africanos no século XIX e no início do século XX em diversas regiões do continente.² É preciso assinalar também o papel jogado pelos africanos da diáspora no nascimento de uma historiografia africana escrita nessa época.

O tempo das rupturas epistemológicas.

A partir dos anos 50, o movimento a favor de uma reabilitação da África através da escrita da sua história acelerou sob o impulso de uma geração intelectual que o Professor M'Bokolo designa com propriedade de “geração de 1956”.³

Esta geração, iniciada pelos escritores da negritude, tais como Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, René Dupestre tem “um olhar alternativo sobre a África, um olhar sem complexos”, foi muito mais longe na busca de reabilitação da História de África.

A liderança do Professor Ki-Zerbo foi essencial dentro desta geração na qual a África Ocidental tinha um lugar com os senegaleses Cheikh Anta Diop e Abdoulaye Ly, os nigerianos K. Onwuka Dike, Biobaku Saburi, Ade Ayaju e Akinjogbin I. A. Esta geração que afirmou “a necessidade de se refazer a história a partir da matriz africana” (Ki-Zerbo 2003: 11) não podia consegui-lo se não fizesse rupturas epistemológicas a diferentes níveis.

O Professor Ki-Zerbo jogou um papel pioneiro neste procedimento modificador que marcou verdadeiramente o nascimento da historiografia moderna africana. Ele atacou de frente as questões metodológicas, nomeadamente as fontes, sendo a inexistência de fontes escritas o alibi que se evocava para manter a África à margem da História. Em suma, sem documentos escritos, não há História!

Neste terreno, o Professor Ki-Zerbo foi daqueles que trabalharam para o reconhecimento da **validade das tradições orais como fontes de História** paralelamente aos documentos escritos e muitos outros ainda fornecidos pelas ciências chamadas na época, auxiliares da História (arqueologia, etnologia, epigrafia...). A utilização da memória colectiva das sociedades africanas foi acompanhada pela colocação em causa pelo Professor Ki-Zerbo da noção de **Pré-história** utilizada para designar os períodos que antecederam o surgimento da escrita.

Na análise dos factos históricos, a “geração de 1956” privilegiou a “iniciativa dos povos africanos” em vez da “acção dos factores externos”. Esta geração exprimiu os seus pontos de vista e as suas convicções durante o primeiro congresso dos artistas e escritores negros, organizado

em Paris em 1956 e aquando do primeiro congresso dos africanistas em Acra pela voz do Professor Ki-Zerbo e de K. Onwuka Dike (**História Geral de África em 8 volumes, UNESCO**). Se bem que animado pela mesma vontade de fazer ressuscitar a história africana desembaraçando-a dos preconceitos racistas, esta geração não adoptou mesmo assim uma abordagem “unanimista” da história africana. O Professor Ki-Zerbo ilustrou-se nomeadamente na elaboração de uma historiografia chama “dos processos” através da qual ele tenta restituir os diferentes processos internos e externos que podem explicar a evolução do continente durante muito tempo.

A outra abordagem dominante desta geração, liderada pelo Professor Cheikh Anta Diop, visava a busca das origens de África e a afirmação do carácter negro do Egipto faraónico, e que devia servir de fundamento para a renovação cultural africana no mundo contemporâneo.

Ao número de contribuições que se devem a esta geração, seria necessário antes de mais citar a obra guia do Professor Ki-Zerbo: **História da África Negra** publicada pela Hatier em 1972 que fez renascer ao mundo um continente, restituindo-lhe a sua dignidade humilhada durante séculos.

Um dos empreendimentos colectivos mais emblemáticos no activo desta geração foi a publicação da **História Geral de África** em 8 volumes iniciada sob os auspícios da UNESCO nos anos 1970 e acabada nos anos 1990. O Professor Ki-Zerbo jogou um papel de primeiro plano na concepção e na implementação deste empreendimento de envergadura cujo impacto mereceria ser alvo de uma avaliação com vista a se fazerem surgir novas perspectivas de trabalho.

A obra historiográfica da “geração de 1956” e nomeadamente a do Professor Ki-Zerbo suscitou muitas vocações de historiadores nas gerações seguintes cujos trabalhos contribuíram progressivamente para dar um rosto à África.

O educador e formador emérito

O Professor

É assim que se chama afectuosamente ao decano no Burkina-faso, apelação bastante merecida e que reflecte bem o reconhecimento deste papel assegurado e assumido pelo homem. Primeiro profes-

sor titular de História da África subsahariana em 1956, o Professor Joseph Ki-Zerbo teve efectivamente um itinerário muito longo de docente e de educador. Começado em França (nos liceus Buffon em Paris, Pothier em Orleães), e depois em África (Liceu Vollenhoven em Dakar, Liceu Donka em Conacri (1958-1959), esse itinerário prosseguiu no Alto Volta (actual Burkina Faso), no Liceu Zinda Kaboré e mais tarde na Universidade de Ouagadougou. Na Guiné, o Professor Ki-Zerbo e outros patriotas africanos engajaram-se do lado da Guiné independente (1958) para cobrir a falta de professores consecutiva à retirada pela metrópole dos seus quadros, na sequência do “não” guineense no referendo sobre a comunidade franco-africana proposta pelo General De Gaule.

De volta ao Alto Volta (actual Burkina Faso), o Professor Ki-Zerbo fez alternativamente, ou ao mesmo tempo, a sua carreira de professor com o exercício de responsabilidades importantes no sector da educação. Assim, foi presidente da Comissão Nacional para a UNESCO, Inspector-geral de Academia e Director-geral da Educação Nacional no Alto Volta (Badini 1999: 679-711).

Num período mais recente, muitas universidades em África e no resto do mundo beneficiaram dos ensinamentos do Professor Ki-Zerbo e das suas numerosas conferências. Durante o seu exílio em Dakar de 1983 a 1992, a sua actividade de docência na Universidade de Dakar marcou de forma duradoura os estudantes e todos os que com ele conviveram e que guardam a lembrança de uma “grande generosidade no dom do saber”.⁴

O Professor Ki-Zerbo não concebia o ensino em separado da educação em relação à qual ele tinha uma abordagem sistémica. Para ele, o ensino e nomeadamente o da História devia participar na formação das consciências, e portanto, do cidadão.

Evocando as razões da sua escolha de fazer história, o Professor Ki-Zerbo considerava que “a história era mestra da vida (*historia magistra vitae*), uma disciplina formadora do espírito, porque ele nos ensina a raciocinar na lógica e para além da ciência pela consciência” (Ki-Zerbo 2003: 11).

Esta elevada apreciação que ele tinha da História não implicava para ele um acantonamento distante num território disciplinar privilegiado. Muito pelo con-

trário, a sua concepção e a sua prática da História faziam um chantage da transdisciplinaridade da qual ele gostava de lembrar as vantagens para as ciências sociais e a formação dos homens, sobretudo em África.

Tal como lembra Amadé Badini no seu excelente artigo dedicado a J. Ki-Zerbo (já citado), para o Professor Ki-Zerbo os factores chave da promoção africana são a formação de Homens e a unidade africana (Badini 1999: 4). Esta convicção alimentou toda a sua reflexão dedicada ao tema da educação e constitui o leitmotiv das suas inúmeras iniciativas e realizações concretas nessa matéria.

O educador

O interesse do Professor Ki-Zerbo pela educação transparece em toda a sua obra, apesar de ter consagrado à educação estudos especializados (Exemplo: *Éduquer ou périr* 1990).

As abordagens inovadoras do Professor Ki-Zerbo sobre a educação concebida como um fenómeno transversal (envolvendo tanto a escola de introdução colonial como a educação tradicional africana) assenta em alguns princípios chave. “A confiança em si”, “o pensar por si próprio” e a alteridade que não aliena.

A referência ao passado apenas serve porque este serve como fonte de inspiração para a criatividade dos contemporâneos. A sua abordagem da educação em África dá um lugar privilegiado à educação escolar, universitária e à investigação universitária.

O Professor Ki-Zerbo era um dos mais fervorosos defensores do ensino superior e da pesquisa científica contra certas correntes de pensamento dominantes (infelizmente) que apresentam esses sectores, como sendo um luxo supérfluo para a África. O desprezo pelos africanos e as opções ideológicas que estão por detrás desses julgamentos eram constantemente denunciados pelo Professor, assim como o desequilíbrio entre o Norte e o Sul na produção mundial do saber, incluindo o saber sobre a África. Ele estigmatizava a punção exercida pelo Norte (fuga de cérebros) sobre os recursos humanos do Sul, agravando assim a marginalização da África.

O Professor Ki-Zerbo não se contentou em teorizar sobre a educação. Ele tentou corajosamente pôr em prática os seus pontos de vista sobre a educação, privi-

legiando a perspectiva pan-africanista que ele tinha.

O pan-africanista convencido

É impossível descrever a figura do Professor Ki-Zerbo sem evocar o Militante e o Político. Análises mais especializadas sobre os engajamentos políticos no Burkina-faso, bem como a nível internacional não deixarão de ser feitas. Testemunhos comoventes foram dados pelos seus companheiros de luta durante as exéquias em Ouagadougou e em Toma. Nós iremos limitar-nos aqui a evocar o pan-africanista.

O Militante e o Político

Militante desde a primeira hora da causa da unidade africana, ao lado de Kwame Nkrumah, Patrice Lumumba e muitos outros, o Professor Ki-Zerbo tinha uma verdadeira paixão pela África. O militante político que era o Professor Ki-Zerbo revelou-se nele muito cedo, numa altura em que ainda era estudante. Assim, ele foi co-fundador e primeiro presidente da Associação dos Estudantes do Alto Volta em França (membro da Federação dos Estudantes da África Negra em França – FEANF) assim como da Associação dos Estudantes Católicos Africanos, antilhanos e malgaxes. A este título, animou a revista *Tam-Tam* cujos editoriais são a favor da independência e da unidade africana.

Em 1958 a criação do Movimento de Libertação Nacional (MLN) vem concretizar as convicções pan-africanistas do professor, tanto mais que este partido que defende o federalismo fez campanha pela independência e optou pelo “não” no referendo de 1958 sobre a adesão à comunidade franco-africana.

Toda a acção política do Professor Ki-Zerbo, através nomeadamente de diferentes formações políticas que ele dirigiu em seguida (UPV e PDP/PS) foi de acordo a este engajamento constante a favor da realização da unidade africana. As suas convicções pan-africanistas foram objecto de diferentes desenvolvimentos nas suas obras, nomeadamente a questão do Estado multinacional federalista em África – debate de actualidade.

O Professor Ki-Zerbo é dos que não se contentaram em teorizar o pan-africanismo. Ao longo de toda a sua vida ele traduziu em actos concretos no terreno as suas convicções a favor da necessária integração africana.

Algumas realizações essenciais em benefício da integração africana

A opção de ir apoiar os esforços da Guiné independente em 1958 em detrimento de uma carreira universitária que se anunciava “prometedora” é bastante significativa do ponto de vista do engajamento do Professor e da senhora Jacqueline Ki-Zerbo.

Neste nosso mundo que está a perder referências, regido pela “religião do agora” um exemplo desses de sacrifício merece ser meditado.

O Professor Ki-Zerbo tentou em todos os domínios que ele considerava essenciais para o futuro de África, nomeadamente o da **formação** e implementação de estratégias e acções com vista à “mutualização” dos recursos humanos e materiais dos Estados africanos a favor da integração. Foi assim que se criou o Conselho Africano e Malgaxe para o Ensino Superior (CAMES) do qual ele foi um dos iniciadores e o primeiro secretário-geral.

O Professor estava legitimamente orgulhoso desta instituição inter-africana que autoriza a harmonização dos programas e define os critérios comuns de promoção da carreira dos universitários dos países membros.

O marasmo actual que caracteriza as universidades nacionais africanas prova hoje, mais do que nunca, a pertinência da abordagem integrada que o Professor Ki-Zerbo tinha do ensino superior em África.

Entre outras responsabilidades a nível africano e internacional, o Professor Ki-Zerbo foi presidente da comissão “História e Arqueologia” do Primeiro Congresso dos Africanistas em Acra em 1962, membro do bureau do Congresso dos Africanistas (1962-1969), presidente do Colóquio sobre a Enciclopédia Africana (1962), presidente da Comissão Consultiva para a reforma dos programas universitários nos países francófonos de África.

Co-fundador da Associação dos Historiadores Africanos (AHA)⁵ fundada em Dakar em 1972, ele foi eleito seu presidente durante o congresso de Yaoundé em 1975, presidência que ele assumiu até ao congresso de Bamako em 2001.

Por ter tido o privilégio de assistir na preparação desse congresso de 2001 organizado graças ao apoio do Presidente Alpha Oumar Konaré e com o seu patrocínio, foi-me dado a apreciar o elevado sentido do dever que o Professor tinha, bem

como a grande preocupação que caracterizava o seu procedimento e as suas reflexões (“esta África pode reproduzir-nos melhor, desenvolver-nos de acordo com os nossos interesses e os nossos valores?” (J. Ki-Zerbo).

O intelectual

O pensamento e a prática do Professor Ki-Zerbo fazem dele o intelectual por excelência. Este termo foi de tal modo maltratado que tem que ser usado com precaução.

O Professor Ki-Zerbo não era do género (mais espalhado em África e em outros lugares, certamente) de intelectual, ou aliás de “diplomado”, que aspira a “tornar nalguma coisa” custe o que custar. Ele era dos que cujo saber os aproxima dos seus concidadãos e que ambicionam empreender com eles “alguma coisa” em benefício da comunidade.

Num “*Ultima verba*”, no final do seu discurso quase testamental na abertura do 3.º congresso da AHA em Bamako, o Professor ao definir a missão dos historiadores especificava:

Assim, o verdadeiro historiador é o intelectual na cidade, o intelectual orgânico que a pátria ligou com o seu meio, mantendo ao mesmo tempo o mínimo de distância sem a qual ele seria apenas um praticante (Ki-Zerbo, Associação dos Historiadores Africanos (AHA), III Congrès, 2005, Discours : 48).

É pois neste espírito que se deve compreender as reflexões feitas pelo Professor sobre diferentes assuntos de preocupação e que envolvem o futuro.

Pode-se reter por exemplo as suas reflexões esclarecedoras sobre os temas da globalização, do desenvolvimento, da educação, do meio ambiente, ou ainda da “identidade das identidades”. Elas exprimem-se nas suas obras, conferências, e um filme documentário recente com títulos evocadores (*Éduquer ou périr – La Natte des autres – À quando l’Afrique? – Identité et identités pour l’Afrique*). Uma das grandes contribuições do Professor Ki-Zerbo para o desenvolvimento das ciências sociais, é de ter sabido renovar os paradigmas na abordagem de todos esses temas e de ter forjado um aparelho conceptual novo que propõe instrumentos pertinentes de análise.

É o caso dos conceitos de “desenvolvimento endógeno”, associado a fórmulas

de explicitação tais como “desenvolvimento chave em primeiro lugar”, ou ainda os conceitos de “pesquisa desenvolvimento”, de “cidade educativa”.

“A teoria que decifra”, dizia ele, “torna-se num recurso, e recusar-se a teorizar é adoptar ou submeter-se à teoria implícita da prática em curso, quer dizer, o status quo” (Ki-Zerbo 2000: 43).

Consciente do papel que deve jogar os intelectuais para a transformação social, o Professor criou e contribuiu para a criação de diferentes centros de animação da pesquisa para o desenvolvimento concebidos como quadros de reflexão apoiada pela acção.

É o que acontece com o Centro de Estudos para o Desenvolvimento Africano (CEDEA) no Burkina-faso e a nível africano, o Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento Endógeno (CRDE cuja sede se encontra em Dakar.

Todas essas iniciativas têm origem, é claro, na preocupação do Professor de reunir uma massa crítica de perícia científica que permitiria propor soluções alternativas para os problemas concretos do desenvolvimento, desenvolvimento que ele definia como “uma passagem de si próprio para um nível superior através da formação”.

Futuro e engajamento

O Professor Ki-Zerbo exprimia nestes termos a sua fé no futuro diante dos congressistas de Bamako: “O presente é volátil, o passado está fora do alcance, o futuro também. Mas pelo menos o futuro está por vir. Apenas o futuro é grande!”.

A mais bela homenagem que a Associação dos Historiadores Africanos pode prestar ao Professor Ki-Zerbo, para além do seu reconhecimento pelas suas inúmeras contribuições, é a nossa determinação de continuar a “corrida dos revezamentos” a que fazia alusão o Professor no seu discurso premonitório de Bamako (Ki-Zerbo, Associação dos Historiadores Africanos (AHA), III Congresso, 2005, Discurso: 48). Devemos reconhecer que o Professor Ki-Zerbo “mereceu a nossa corporação” carregando honrosamente o testemunho deste revezamento que temos, por nosso turno, transmitir a outros para que a corrida continue.

Ao fazê-lo, saberemos lembrar o anúncio feito por Patrice Lumumba e utilizado pelo Professor Ki-Zerbo: “A África escreverá

a sua história”. E saberemos lembrar quando o Decano nos instruíra com firmeza: “Escrevam! É um mandato imprescritível. Podemos ser ajudados, mas cabe-nos a nós a principal responsabilidade” (Ki-Zerbo, Associação dos Historiadores Africanos (AHA), III congresso, 2005, Discurso: 50).

Conservamos todos no nosso espírito a utilidade da nossa missão de historiadores tal como foi já definida pelo Decano: “Aprender o passado, compreender o presente, empreender o futuro” (Ki-Zerbo, Associação dos Historiadores Africanos (AHA), III congresso, 2005, Discurso: 48).

A melhor maneira de se honrar e de se perpetuar a memória do Professor Ki-Zerbo é de nos investirmos ainda mais nas inúmeras pistas que ele abriu, ou seja, reabrir esta grande biblioteca que pouco conhecemos para nela buscarmos uma inspiração criadora.

O comité executivo da AHA e todos os historiadores de África e do mundo exprimem a sua simpatia à Senhora Jacqueline Ki-Zerbo cujo engajamento ao lado do Professor em todos os combates da sua vida apreciam e saúdam.

Gostaríamos pois assegurar-lhe, bem como a toda a família Ki-Zerbo a nossa inteira solidariedade.

Viva a memória do Professor Ki-Zerbo e a sua esperança numa nova humanidade para a qual ele muito trabalhou.

Notas

- * *N'an laara, an saara* (Se nos deitamos, estamos mortos), fórmula muito querida do Professor Joseph Ki-Zerbo.
- Os bronzes de Ife, as ruínas do Zimbabwe foram assim atribuídas no momento da sua descoberta a estrangeiros não africanos (Fenícios... desaparecidos).
 - Pode-se citar Thomas Mafela na África do Sul, l'Abbée Boilat no Senegal, Samuel Johnson na Nigéria.
 - 1956 é um ano fundamental na evolução das colónias de África: véspera da independência do Gana e adopção da lei Gaston Deferre na AOF.
 - Mensagem de Ibrahim THIOUB, chefe do departamento de história da l'UCAD.
 - A AHA ambiciona agrupar os historiadores africanos em torno da escrita e da difusão da história africana. Ela dispõe de uma revista trimestral *Afrika Zamani* publicada actualmente com o apoio do CODESRIA, ela realizou 4 congressos Dakar (1972), Yaoundé (1975), Bamako (2001), Addis Abeba (2007).

Referências

- Association des Historiens africains (AHA), IIIe Congrès, 2005, Allocutions et Actes Administratifs. Bamako : AS.HI.MA. Graphique Industrie Bamako
- Badini, A., 1999, « Joseph Ki-Zerbo (1992) «Le développement clés en tête» », *Revue Perspectives*, XXIX (4), pp.699-711.
- Florian, P., 2004, Joseph Ki Zerbo, itinéraire d'un intellectuel voltaïque au XXe siècle,

Mém. Maîtrise Université Toulouse Le Mirail.

- Ki-Zerbo, J., 1978, *Histoire de l'Afrique noire*, Paris : Hatier.
- Ki-Zerbo, J., 1986, *Histoire Générale de l'Afrique*, Tome 1 : *Méthodologie et Préhistoire africaine*, Paris : Présence africaine, Edicef, UNESCO.
- Ki-Zerbo, J., 1991, *Histoire générale de l'Afrique*, Tome IV : *l'Afrique du XII au XVI siècle*, Paris : Présence africaine, Edicef, UNESCO.
- Ki-Zerbo, J., (dir.), 1990, *Éduquer ou périr* (Impasses et perspectives africaines). Dakar, Abidjan : UNESCO-UNICEF.
- Ki-Zerbo, J., (dir.), 1992, *La Nette des autres : pour un développement endogène en Afrique*, Actes du colloque du CRDE organisé à Bamako en 1989 sur le thème du développement endogène, Paris : Karthala et Dakar : Codesria.
- Ki-Zerbo, J., 2000, *Défi humanitaire, défi humain : une approche africaine in forum de Solidarité. L'Afrique face au défi humanitaire* Fondation Partage, Paris : Ed P.A
- Ki-Zerbo, J., 2003, *À quand l'Afrique ?*, Entretien avec René Holenstein, La Tour d'Aigues F-84240 : Éditions de l'Aube (Diffusion Seuil) ; Genève : Éditions d'en bas.
- Filmografia
- Kouyaté, D., 2004, J. Ki Zerbo, « Identités, identité pour l'Afrique », documentaire de Dani Kouyaté avec J. Ki-Zerbo.